



# RACIALIZAÇÃO DE ESTUDANTES IMIGRANTES NA SOCIEDADE PORTUGUESA: SEIS PADRÕES ESTIGMATIZADORES DE DISCRIMINAÇÃO CONDUZENTES A ESTEREOTIPIAS

Karen Muniz Feriguetti <sup>1</sup>  
Pedro Ferreira <sup>2</sup>

## RESUMO

Uma das formas mais correntes de marcar uma diferença negativa é por meio da estigmatização, reforçando estereótipos. As estigmatizações estereotípicas são comuns nos casos de discriminação por racialização. Tivemos por objetivo mapear as estigmatizações e reconhecer padrões nas estratégias, tanto sociológicas quanto linguísticas, usadas para discriminar negativamente os não nacionais em instituições de Ensino Superior portuguesas. Para desenvolver a análise, lançamos mão de metodologias qualitativas como entrevista narrativa episódica em profundidade, com recurso à análise temática não tradicional, incluindo a interpretação dos jogos de poder e dos jogos de linguagem presentes nas teorias da construção do comportamento e do construcionismo social. Foram encontrados seis tipos recorrentes de estigmatizações: (i) africanos/brasileiros são animais/selvagens; (ii) africanos e brasileiros são menos inteligentes; (iii) africanos e brasileiros podem ser bandidos e/ou vagabundos; (iv) as mulheres africanas e as brasileiras são prostitutas; (v) africanos e brasileiros trabalham em postos precários e mal remunerados de trabalho e (vi) os/as afrodescendentes representam todo o povo africano quando erram. Esse resultado assevera a contraparte da racialização dos diferentes e mostra como as estigmatizações são modos de ação de grupos já consolidados (*established*) que terminam por empurrar grupos recém-chegados (*outsiders*) para as margens. Esses modos mobilizam a racialização, a territorialização e aculturação, mormente por não partilharem o estatuto de nacional em Portugal, país de grande fluxo migratório e de acolhimento de brasileiros e africanos, nomeadamente para estudo.

**Palavras-chave:** Discriminação. Racialização. Estudantes imigrantes. Estigmatização. Ensino Superior.

## INTRODUÇÃO

Em termos humanistas, buscaremos enquadrar a perspectiva do estudante imigrante, com um estatuto pessoal de não neutralidade, como o que Bogdan e Biklen (1994) afirmam do/da investigador/a implicado/a, que, ao perscrutar o humano, humaniza e humaniza-se, já que, parafraseando Freire (1987), ninguém se humaniza sozinho: as pessoas se humanizam em comunhão.

Temos por objetivo principal mapear um modo específico de discriminação negativa ou estigmatizações essencializadoras (Woodward, 2000), por meio da racialização. Com os seguintes objetivos específicos: (i) demonstrar os comportamentos para manutenção da coesão grupal; (ii) demonstrar estratégias de alijamento de grupos diferenciados por estatuto migratório

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Ciências da Educação da Universidade do Porto [kmferiguetti@ifes.edu.br](mailto:kmferiguetti@ifes.edu.br).

<sup>2</sup> Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências em Educação da Universidade do Porto (UP) e integrante do Centro de Investigação e Intervenção Educativa. [pferreira@fpce.up.pt](mailto:pferreira@fpce.up.pt).

em sociedades de acolhimento; e (iii) expor a importância da linguagem na construção e demonstração dessa realidade.

Trata-se de Portugal um contexto peculiar, europeu, sociedades que recebem migrantes de várias regiões, mas que diferenciam aqueles/as não-europeus que chegam de países do sul para trabalhar ou estudar. Três aspectos que elencamos a seguir tomam importância: i) há uma cultura com seus tradicionalismos e uma territorialidade evocada (vide o desenvolvimento dessa ideia em Elias, 2000); ii) as estruturas consolidadas só o são pelas (inter)ações entre grupos, ainda na visão de Elias (2000), grupos já estabelecidos, *established*<sup>3</sup>, e grupos de fora, *outsiders*<sup>4</sup>; iii) o jogo social ocorre permeado pela historicidade e pela valorização das tradições, concretizando-se pela valoração positiva do grupo coeso e pelas estigmatizações dos grupos diferenciados (vide Gergen e Gergen, 2010 e Elias, 2000).

Nesta pesquisa entrevistamos estudantes imigrantes do sistema de Ensino Superior em Portugal com vista a investigar a integração social sob a perspectiva deles/as. Foi escolhida, como modo de recolha de dados, a entrevista narrativa episódica, embasadas em Flick (1997) e em Mueller (2019). Os dados recolhidos foram analisados com recurso a análise temática não tradicional, tendo em vista que esta estrutura-se em temas e prima por identificar, analisar e relatar padrões (BRAUN E CLARKE, 2008), tendo em vista que a própria a estruturação do guia da entrevista propiciou a emergência de um conjunto de tópicos.

Consideramos o *continuum*: integração↔discriminação↔segregação, com base nele, seis categorias de estigmatizações foram mobilizadas pela discriminação que conduzem a uma experiência de segregação, percorrendo o *continuum* nesse sentido, e constituindo-se como estratégias que empurram os de fora para as bordas. São compreendidas como construções linguísticas, ou como realizações discriminatórias, apoiadas em racialização: (i) africanos/brasileiros são animais/selvagens; (ii) africanos e brasileiros são menos inteligentes; (iii) africanos e brasileiros podem ser bandidos e/ou vagabundos; (iv) as mulheres africanas e as brasileiras são prostitutas; (v) africanos e brasileiros trabalham em postos precários e mal remunerados de trabalho e (vi) os/as afrodescendentes representam todo o povo africano quando erram. Sustentamos que isso é mobilizado por processos de racialização e aculturação, em que entram questões de etnização (ERIKSEN, 2010; WOODWARD, 2000) e de territorialização (ELIAS, 2000). Ficou patente

---

<sup>3</sup> “Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. [...] Os ingleses utilizam os termos *establishment* e *established* para designar a “minoridade dos melhores” nos mundos sociais mais diversos [...]” (Elias, 2000, p. 6)

<sup>4</sup> “Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.” (Elias, 2000, p. 6)

uma propensão para que pessoas de grupos diferenciados venham, por essencialização, a serem racializadas, ou seja, essa diferença é continuamente marcada nessas sociedades. São, portanto, *potencialmente racializadas*, alvos da verbalização da discriminação e de comportamentos segregadores, o que afeta suas vidas sócio-acadêmicas.

## METODOLOGIA

Escolhemos entrevistar estudantes imigrantes do sistema de Ensino Superior em Portugal<sup>5</sup>, onde não é possível o recolhimento de dados étnico-raciais, apenas de dados de nacionalidade. Optamos por colocar em prática a técnica de bola de neve para o recrutamento: pela nacionalidade, por pertença e pela caracterização da própria investigadora (estudante brasileira afrodescendente e imigrante do sistema de Ensino Superior em Portugal), sendo uma técnica que propicia o crescimento da cadeia de pessoas por semelhança ou mutualidade (GOODMAN, 1960).

O critério da mutualidade partiu da nacionalidade (brasileira) e pertença étnica (afrodescendente): a cadeia agiu, em momentos pontuais e específicos, tanto por similitude em nacionalidade quanto por pertença, entre eles. Lima (2014) evidencia o conceito de semente, nesse ponto não se pode deixar de retomar à própria investigadora, a semente-mãe, autoidentificada com a *snowball*. A Figura 1 abaixo demonstra a frutificação, a rolagem:

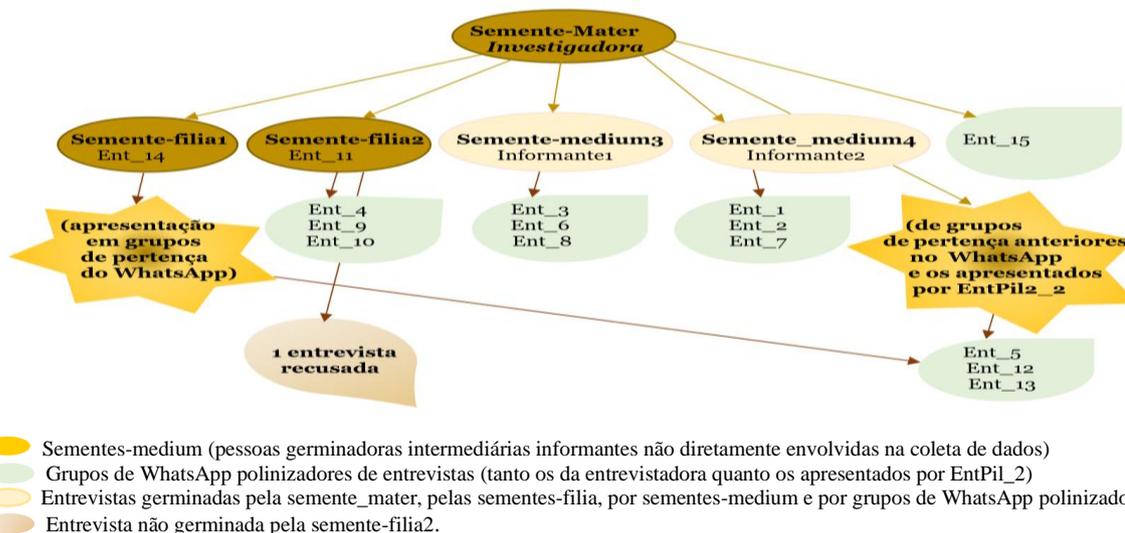


Figura 1 - Cadeia de referência ou gráfico arbóreo de recrutamento dos/as entrevistados/as – Entrevista Episódica Narrativa

Já no recrutamento, a técnica permitiu a diversidade e a diferença, sendo entrevistados/as para o trabalho estudantes brasileiros/as e africanos/as.

<sup>5</sup> No caso de nossos entrevistados, mesmo sendo todos maiores de idade, enviamos a todos eles via e-mail o consentimento informado, nos moldes do que assevera a Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação: “Os participantes têm direito a ser plenamente informados e esclarecidos sobre todos os aspetos relativos à sua participação, bem como a mudar os termos da sua autorização, em qualquer altura da investigação.” (BAPTISTA, 2014)

A decisão de realizar a entrevista narrativa episódica em profundidade foi tomada com base no objetivo principal e foram mobilizados os três critérios contidos em Flick (1997): contação de eventos relevantes; ancoramento em concretude situacional, para que isso demova os/as entrevistados/as a dividirem suas experiências, com abertura suficiente para que o/a entrevistado/a selecione os episódios relevantes. A partir desses três critérios a entrevista foi semi-estruturada, com guia semi-aberto.

Para Mueller (2019), assim como para Flick (1997), uma entrevista narrativa episódica deve ser aberta o suficiente para dar liberdade ao/à entrevistado/a para que se expresse e recubra o viceniar das experiências, historicizando a vida dos/das entrevistados/as e os episódios por que passaram e o seu contexto, e, ao mesmo tempo, mirar no que de relevante para a pesquisa esse participante pode trazer. A entrevista narrativa episódica é um método que pode propiciar o levantamento de aspectos experienciais de questões e conceitos sociais.

Outra questão importante em Mueller (2019) prende-se à realidade como construída, como um dado relacional. Assim, estruturamos o guia com assuntos-tópico, conduzimos as entrevistas com manobras e perguntas dentro desses assuntos-tópicos, de modo que propiciassem respostas mais narradas, com perguntas-tipo: *“Sente que pertence a um grupo diferenciado na sociedade portuguesa?”* ou *“Já experienciou de algum modo algum tipo de discriminação explícita (racismo, sexismo, homofobia, classismo, xenofobia ou preconceitos correlatos) dentro ou fora da faculdade, seja tendo você como alvo, seja tendo outros como alvo? Que episódio ou episódios ficaram marcados para você?”*

A fim de usar de coerência entre a metodologia empregada, as técnicas de apropriação, redução e análise dos dados, foi escolhida a análise temática não tradicional. Uma vez que o/a entrevistado/a contará os episódios que envolvem partes de sua experiência, em que se tem já o recorte de assuntos, e entrevistadora e entrevistados/as construirão juntos e ativamente os sentidos. Para Braun e Clarke (2006) temas que emergem ou são descobertos revelam uma consideração passiva do processo de análise, que nega o papel ativo e protagonista que investigador/a e participante(s) da investigação têm na construção dos significados. Os temas não residem nos dados, os dados constroem as realidades evocadas pelos temas.

Segundo Terry et al (2017), são precisos alguns passos na análise temática: familiarização e codificação da base, desenvolvimento de temas, revisão e definição (cristalização dos padrões). Desse modo, o trabalho com os temas e os subtemas fixam-se em padrões de sentido que podem mobilizar ideias e perspectivas sociológicas. Ao integrarmos coleta e análise juntamo-nos a Mueller (2019) e Braun e Clarke (2006) no que diz respeito às questões epistêmicas e ontológicas de que todo o processo é ativo e de que a(s) realidade(s) não

é(são) dado(s) objetivo(s) em si mesma(s) que acessamos como um dentro/fora, mas mobilizadas e construídas nas relações e pela linguagem.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No caso em tela, investigamos questões de ordenamento social, de grupos diferenciados e de fora da sociedade (os *outsiders* eliasiano) em sociedades um grupo coeso, ou *estabelecido*, como refere Pires (1999). Compreendemos que a análise sociológica tem como sustentação os processos para os arranjos sociais e nem sempre vinculam esses processos ao(s) fenômeno(s) que o provocam. Os fenômenos têm seus processos implicados, e determinados processos estão relacionados a determinados fenômenos, assim, encaramos a integração como um fenômeno-processo.

A nosso ver, a base para as análises sociológicas em questão se prende à relação de um fenômeno corrente, o da imigração, implicados a processos do *continuum*: integração↔discriminação↔segregação. Essa estruturação nos coloca diante de uma questão mobilizada por aqueles que pensam as sociedades (Elias, 2000; Giddens, 2006) de que processos e os fenômenos implicados são agenciados nos jogos de poder (ELIAS, 2000; ELIAS, 2001) e nos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2005; GERGEN E GERGEN, 2010) e, portanto, ocorrem de modo relacional.

Com a noção de temas/categorias e fixação de padrões, observamos que se fez presente a questão dos jogos de poder, especialmente a oposição entre aqueles considerados da terra, Portugal, e aqueles considerados de fora, de outros países e não nacionais. Esse processo de coesão da população local é um modo de persistência do que denomina Santos (1999) por “gestão da diferença”, e o que nós chamaríamos de “microgestão da diferença”, uma vez que isso ocorre nas micro-relações, mobilizando um tipo de discriminação por racialização relacional. Para formar o conceito de racialização relacional, baseamo-nos em Almeida (2019), que tem vindo a mobilizar os conceitos de racismo estrutural. Na verdade, a nosso ver, chamaríamos de racialização estrutural, um construto que envolve as macro-relações, as micro-relações, o social e o institucional, quer seja, essa gama de âmbitos estruturam a racialização.

A fim de realizarmos as análises, duas concepções entraram neste trabalho: a construção de comportamentos, os jogos de poder, e o construcionismo social, jogos de linguagem. Os jogos de poder estão especificados em Elias (2000), quando detalha as estratégias para distinguir grupos. Francamente o domínio do território que se resume ao conhecimento e à vivência do lugar é uma das vantagens que os ditos estabelecidos têm. O partilhar os espaços de poder e a mobilidade dentro do território, além da partilha da cultura faz o reconhecimento

“entre pares”, quer seja, o “Nós”, e propicia o engendramento do que vem delineado em Woodward (2000) e em Eriksen (2010), o “Nós” contrapõem-se ao “Eles”. Elias (2001) também avalia as esferas de poder e como as formas de apresentação de prestígio mudam no decorrer do tempo, mas têm o mesmo princípio, o prestígio está no pertencimento, na distinção, nos privilégios e na hierarquização do pertencimento<sup>6</sup>, bem como no poderio de tal coletividade.

Uma das formas de atuação e de comportamento que demonstram esse jogo de poder claramente é a hierarquização e separação com valoração e prestígio de um grupo, embasado em crenças de superioridade e em acordos tácito ao longo do tempo (tradição), acordos correntes e implícitos, de pertencimento ao grupo (ELIAS, 2000). Assim como é inculcida essa crença na superioridade, é também inculcida a crença na inferioridade, e a estratégia comumente exercitada é a estigmatização. O sentido de grupo é sempre muito forte e o sentido do quanto poder tem ou não tem um grupo está definitivamente relacionado a alguns pontos como os referido anteriormente: o domínio do terreno, o domínio da cultura e dos acordos tácitos, o domínio dos postos e das insígnias de poder.

Também há a questão dos jogos de linguagem e da realidade construída, defendida em Gergen e Gergen (2010). Asseveramos junto com Gergen e Gergen (2010), Mueller (2019) e Braun e Clarke (2006) que a realidade não se nos apresenta e nem é um dado objetivo, ou passivo, ela é relacional, ativa e linguisticamente construída. Pensamos que os jogos de linguagem são uma contraparte dos jogos de poder, assim, as realizações estigmatizadoras são erigidas na síntese entre o comportamento social e a construção linguística em face desses comportamentos. Wittgenstein (2005) reafirma o caráter social da linguagem, uma vez que os sentidos são negociados e a linguagem limita o acesso ao mundo, ou melhor, delimita esse acesso, daí as contrapartes de sentido dos jogos de linguagem dentro dos jogos de poder: o que une um grupo (o supremacismo) pode ser aquilo que deixará marcas indelévels em outro (a segregação).

Dentro dessas duas concepções e para a perspectiva que será usada, três conceitos guardam importância para os jogos sociais de poder em sociedade de acolhimento como a portuguesa: imigração, diferença e identidade. A migração, segundo Shierup, Hansen e Castles (2006) vem se tornando um dilema de bem-estar social, e isso é tocado pela diferença, como defende Santos (1999). É preciso dizer que em termos das sociedades europeias, diferença e imigração tem uma relação casada, tendo em vista que o imigrante é já em si o diferente: fala língua diferenciada, mesmo que a raiz linguística seja a mesma do país de acolhimento, possui

---

<sup>6</sup> Essa estratégia foi largamente aplicada no nazismo, que mobilizou a estratégia do supremacismo, contraposição violenta e amplamente segregacionista e essencializadora do “Nós” em contraposição ao “Eles”.

cultura diferenciada, mesmo que tenha recebido influência cultural do país para onde imigra, dispõe da desvantagem do terreno em termos da nacionalidade e das tradições, uma vez que saiu de sua terra natal. Woodward (2000) refere o carácter oposicionalista da diferença e para a construção da identidade, e também Fanon (2008), e isso vem circunscrito ao uso da linguagem e à negociação dos sentidos.

Com base no essencialismo e mesmo no carácter da diferença e da identidade, arena do confronto e do contraste, segundo Woodward (2000), é que ocorre um tipo de discriminação que mobiliza todas essas instâncias de jogo: a racialização. Racializar é em suma essencializar, e a estigmatização, conforme Eriksen (2010) e Elias (2000), é um modo de fazer o contraste nos jogos de poder entre o “nós” e o “eles”, e para isso é preciso estereotipar e isso faz-se pela linguagem, já em si um modo de ação. E então perguntamos: ao falar, a voz de quem é ouvida e considerada? Lembramos com Spivak (2010) que o sujeito central nos estudos sociológicos é o sujeito europeu e que é a partir de sua identidade e importância que os conhecimentos se estabeleceram: relacionalmente isso não seria diferente. As sociedades agem por mutualismo e por oposição e o eles é sempre o diferente, aquele que não pertence.

Esse jogo circunscribe as visões mobilizadas dentro das comunidades do seu próprio grupo e de outros grupos (ELIAS, 2000). Nesse ponto iniciam-se construções de mundo e o estabelecimento da hierarquização, nesse ponto também iniciaram os nacionalismos segregacionistas (nazismo e o fascismo): os grupos imputam a si mesmos e a outros grupos escalas de valoração que levam à discriminação negativa, aos essencialismos e às estereotípias. Aqui se nos apresenta o que há de maior valor analítico: a organização sociológica de um fenómeno-processo (os jogos de poder), por meio da criação de realidade (jogos de linguagem), ao que denominamos realizações. Emergem questões sociológicas de ordem social e de como é encarado o diferente e a diferença em uma sociedade que se enxerga de iguais e de que modo isso é mobilizado linguisticamente como realidade construída. Seria dizer que o linguístico nos dá acesso a uma realidade sociológica, a uma vivência social, dentro do que defendem Gergen e Gergen (2010).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dentro de muitas realizações possíveis, as sociedades, reduto de todos os tipos de diferença, causa inerente ao humano, trazemos aquelas que essencializam e a realçam negativa e oposicionalmente, por meio das estigmatizações e dos levantamentos de estereotípias. De modo empírico, foram encontradas seis maneiras de essencializar e racializar o diferente na sociedade portuguesa. O primeiro modo de discriminação por racialização, ou simplesmente racialização,

que nos chama a atenção circunscreve-se a uma realização que constrói uma realidade de contraste cultural e corporal. A *Entrevistada\_7*, africana, coloca nos termos seguintes:

*“No lugar onde meu tio morava em Porto, não conheciam muito nosso país, e o meu tio era a única pessoa de cor que tinha e ele cresceu, e o tom de pele era ainda mais claro que o meu, e as pessoas já tinham curiosidade em saber: “Onde é que ficava, o que vocês falam, como é que eles vivem”, isso sim, há muita curiosidade em perceber como que as nossas vid..., ainda tinham aquela ideia de as pessoas estarem penduradas ao ar, à árvore e outras coisas. Não é isso o que acontece. Nós vivemos normalmente, com as nossas culturas [...]”*  
(Grifos nossos)

dois aspectos de essencialização, na visão de Woodward (2000), a essencialização física e a essencialização cultural, ao ser o seu tio a “[...] única *pessoa de cor* [...]” a trabalhar em um local, demarca-se corporalmente e pela diferença física, e a outra essencialização traduz-se no elemento cultural, com duas oposições, uma explícita: “[...] *de as pessoas estarem penduradas ao ar, à árvore* [...]”, outra implícita: estamos diante de pessoas selvagens, que vivem de modo primitivo, atrasado e animalesco, e, ainda outro aspecto pressuposto, desenvolvimento da contraposição entre o “nós” e o “eles”: “eles” são selvagens/animalescos, já “nós” não somos assim, daí *africanos/brasileiros são animais/selvagens*.

Outro modo de mobilizar os jogos de poder (ELIAS, 2000; ERIKSEN, 2010), hierarquizar e colocar a diferença no patamar do “nós” somos melhores e “eles” são piores, estrutura-se na realização *africanos e brasileiros são menos inteligentes* colocados pelos seguintes entrevistados africano e brasileiro, respectivamente:

*Entrevistado\_1: Então, os colegas que, alguns colegas até mais ricos, porque na minha faculdade era 95% de pais ricos, o pai da área de Ciências Sociais e Aplicadas, são pessoas destacadas, nota-se. Eles passaram e eu chumbei<sup>7</sup>, não consegui passar. E acho que passaram a olhar esse facto de eu ser menos inteligente que eles, uma vez na altura dos exames eu já estava no último ano do curso, ou estava no penúltimo ano, tava no piso de baixo da biblioteca, a estudar, eles passaram lá por mim, alguns até cumprimentaram uns não cumprimentaram. Então, eles sobem para o piso de cima, o piso de cima, aquilo lá era uma biblioteca feita de madeira e com o teto bem arranjado, conseguiram ficar mesmo no lugar onde eu estava no piso de baixo, então começaram a saltar, fazer aquele barulho, tipo, pra me distrair, [...] Ali não consegui interpretar o que queriam dizer com aquilo de me incomodarem ou de... não sei, não sei [Fala amofinado]. Confesso que fiquei ofendido, [Repete] não sei, e eles podiam ser, são colegas que me conhecem bem, que me trataram com todo o respeito quando távamos no mesmo ano, só pelo facto de estarem mais à frente é que começam a me menosprezar, [Fala novamente] não sei. (Observações em colchetes nossas e grifos nossos)*

*Entrevistado\_6: “[...] o professor eu entendo que foi discriminação, sim, eu entendo que foi, até porque eu defendo um tema, mas ele não é obrigado a acreditar naquele tema, mas ele disse com essas palavras: ‘Eu não acredito nisso que você está fazendo, mude essa palavra’, ou seja, não é essa questão da escrita de português brasileiro/português de Portugal, não era questão a isso, era o tema mesmo. Eu tava falando de um tema, de experiência, e aquele termo não era pra ele..., ele disse ‘Ó, eu não acredito nisso’ Entrevistadora: Uhum! [Sobreposição]. Entrevistadora: Seria uma questão de linha teórica? De posicionamento? Entrevistado: Eu não sei, mas me chocou muito, porque como é que você tá numa universidade, o professor que trabalha com produção e disseminação de conhecimento, de*

<sup>7</sup> Chumbar em Portugal é o mesmo que reprovar no Brasil.



*repente você chega com uma ideia e ele diz: 'Não, isso aqui não presta, apaga isso aqui ou fica sem nota'. (Observações em colchetes nossas e grifos nossos)*

Observe que houve a compreensão de que existiu o preconceito, de que foram desdenhados, mobilizado ainda por caracterização essencializante e da perspectiva de que somente “nós” estamos preparados para guiar “vocês”, havendo o que Eriksen (2010) e Elias (2000) colocam como “controle social”, nós diremos e controlaremos a valoração em termos do diferente pelos jogos de linguagem.

Outro direcionamento, que coaduna com o que apresenta Woodward (2000), da marginalização do diferente, mas está presente também em Elias (2000), como uma estratégia de dupla face engendrada pelos jogos de poder e, em sua contraparte, os jogos de linguagem, em que ufaneia-se o “nós”, os estabelecidos, como sociedade superior, e estigmatiza-se o “eles”, como os de fora, os à margem, enfim, aqueles que não podem ser “nós”, os bons, traduz-se em os *africanos e brasileiros podem ser bandidos e/ou vagabundos*:

*Entrevistado\_1: “A pessoa tava-me a filmar, e, tipo, e a dizer ‘Tá a estudar, tá a estudar. Está a estudar muito!’ [quis dizer que a pessoa desconfiava dele, como se estivesse ali para fazer algo errado], quer dizer, vi aquilo, tipo, que era um preconceito, só pelo facto de ser da forma como sou, da cor [de pele] que tenho não podia estudar, não podia estudar, eu não sei que interpretação a pessoa poderá ter. Okay!”* *Entrevistada\_7: “Sim! Entrevistadora: Existe, então, essa situação. [Sobreposição] Sim, sim. Dá pra perceber às vezes no olhar, na rua, [ao] andarmos na rua, percebe-se como as pessoas nos veem. Às vezes com um olhar de coitadinho, outras vezes com o olhar de tamos a tirar alguma coisa ou vamos ficar lá para fazermos alguma coisa de errado. [...]”* *Entrevistado\_3: “E aí eu fiquei pensando: ‘Puxa, eu sou uma pessoa que traz medo pras outras pessoas...’, uma sensação muito ruim isso. E comecei a notar que as pessoas às vezes se distanciam, principalmente, dependendo do horário, se eu tô andando na rua à noite, as pessoas se afastam. Então eu costumava tirar a barba, pra ficar com uma cara mais ‘friendly’, né? [E sorri].” (Observações em colchetes nossas e grifos nossos)*

Um mix de falas novamente de brasileiros e africanos. Em que se vê claramente o que coloca Eriksen (2010) em relação aos estereótipos: são frequentemente mencionados em conexão direta ao racismo, que aqui colocamos como racialização, porque a racialização é a essencialização que toca ao diferente em contextos de afluxo migratório, porque o imigrante é o diferente por excelência. Entanto, o problema não está em ser diferente, os próprios europeus diferem-se, mas no estatuto essencializador hierarquizante a menor.

Outra realização bem problemática é um tipo de estigmatização que passa pela hipersexualização, algo que povoa o imaginário das pessoas pelo que denominaria de “inculcação colonizatória”. Essa construção chegou até nós por essa época, quando houve uma intensa coisificação e animalização dos escravos, com o preto como o garanhão violador e a mulher como a provocante e lasciva. Fanon (2008) descreve esses desvirtuamentos como tara, como perversão, portanto, a estigmatização *as mulheres africanas e as brasileiras são*

*prostitutas* são, para além da essencialização racializante, perversões desumanizadoras, porque atuam pelo temor, uma vez que invadem um território muito caro – o corpo –, e que estão expostas nas seguintes falas de uma africana e uma brasileira, respectivamente:

*Entrevistada\_7: “E isso, é mais nessa parte aqui que eu me senti mais comprometida ou andar na via Catarina, que dá acesso ao Marquês, aquela zona que tem muita prostituição e à noite, principalmente, havia as prostitutas ali e eu andar e praticamente o carro parava para eu [ia dizer entrar]. Até costumávamos brincar, com tantas prostitutas aqui, porque eu, né? Entrevistada\_5: [Ao saber da estigmatização que brasileiras são consideradas prostitutas pelos portugueses] E eu fiquei muito triste e nesse momento eu tive vontade de voltar pro Brasil. Foi uma coisa que eu considerei muito, que eu falei assim [quis dizer pensei]: ‘Eu não vou querer que o meu filho cresça, num ambiente, numa escola, que as pessoas veem que ele é filho de uma ‘brasileira’ [joga um entreaspas no tom da pronúncia na palavra “brasileiras” por como da sociedade portuguesa as veem][...]” (Grifos nossos)*

Há ainda um tipo de rebaixamento mais social e de carácter protetivo, de fechamento da sociedade, conforme preconiza Elias (2000), os locais de prestígio e as insígnias de poder são vetadas aos *outsiders*, do mesmo modo, os melhores postos de trabalho são preservados e os de fora enfrentam junto com os nacionais os postos de trabalhos menos especializados e desvalorizados, que realizam *africanos e brasileiros trabalham em postos precários e mal remunerados de trabalho*. A seguinte fala expressa essa crença e essa realidade dentro do quadro de relações de poder e dos jogos de linguagem dos entrevistados no contexto de uma sociedade europeia: *Entrevistado\_2: “[...] vê-se mesmo isso. Eu digo mesmo isso em relação ao pessoal imigrante, porque eu acho que temos que fazer mais, passamos na cultura do mesmo ciclo dos meus pais, dos meus avós e não melhoramos. Viemos e não melhoramos nada, não procuramos nada pra fazer além de limpar o chão e trabalhar à obra.”* (Grifos nossos) Pode-se dizer que as sociedades têm hierarquizações e que nessa hierarquia não cabem *aos/às pretos/pretas* um lugar de destaque, como refere Woodward (2000), são opostos em termos de identidade e diferença.

Por fim, a realização *os/as afrodescendentes representam todo o povo africano quando erram*, significa dizer que a estigmatização atinge todo um grupo, e estaria ligado à nacionalidade e à cultura, isso é exposto em Elias (2000) quando demonstra a “fofoca” contra um grupo minoritário como estratégia: os *outsiders* são desvalorizados enquanto grupo e a estigmatização e estereótipos atingem a todos e enquadra em termos oposicionista mais fortemente a relação hierarquizante entre o “nós” e o “eles”, e o “nós” somos melhores e mais civilizados, enquanto “eles” não o são. Isso fica muito patente numa experiência que a *Entrevistada\_9* nos conta:

*Entrevistadora: Sim! [Sobreposição] E sair da loja, e o alarme não tocar na loja que eu comprei, e na loja seguinte, onde entrar, tocar. E no momento em que o alarme toca, eu penso: ‘Meu Deus do céu, eu sou negra’. É que não importa, eu sei que eu vou mostrar o recibo e vou resolver aquilo e vou embora, isso não me preocupa, mas na minha cabeça, pronto [quis dizer, penso] ‘Mais uma negra que foi apanhada com o alarme da loja’, percebe? Entrevistadora: Percebo...[Sobreposição] E a imagem que isso vai dar, isso vai prejudicar os negros [quis dizer em geral, enquanto grupo] [...]” (Observações em colchetes nossas e grifos nossos)*

Também o *Entrevistado\_1* tem essa consciência ao dizer: “*Não é racismo, até, sim, tou a ser racista com os meus, mas começar a temer que o que foi construído há uns anos, ser destruído de repente, por estar muita gente diferente. E esse foi o meu medo, é um egoísmo pessoal, e a minha mulher disse-me que eu era racista com os meus, mas...*” (grifos nossos) como quem saiba que é uma construção frágil o ser e o estar em outro contexto social, que em um átimo pode ser destruída e por ser duramente conquistada, precisa ser consistentemente mantida, mas pode ser sempre contestada no coletivo. Abaixo, a Figura 2 esquematiza as perspectivas trabalhadas:



Figura 2 – Estruturação da discriminação por racialização (autoral).

Esses direcionamentos nos mostram como as realidades, por meio da linguagem: realizações, foram construídas com base nos jogos de poder e na ordem estatuída em meio a longos anos de acordos explícitos e implícitos, e pela hierarquização e essencialização, manter a ordem estabelecida, ao empurrar para as bordas aqueles que são *outsiders*, ou os “de fora”, consolidando os lugares para os *established*, os “de dentro”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das falas dos entrevistados ou realizações (construções ativas de realidade) com negociação de sentidos, podemos observar que houve mobilizações de estereótipos por racialização, em que prevaleceram atitudes e falas de caráter essencialista, bem como a aculturação e (des)territorialização das pessoas imigrantes. É notável também que os jogos de linguagem são uma contraparte dos jogos de poder, com a aculturação e a territorialização como modos de alocação muito nítida entre o “nós” e o “eles”. Contudo, essas sociedades, na recepção desses diferentes não estão a considerar o que levanta o *Entrevistado\_1*: “*Como dizia uma professora muito amiga da minha faculdade, eu, e muitos outros colegas, ‘apanhámos o comboio no apeadeiro e não na paragem principal’*”.<sup>8</sup> Apanhar o comboio no apeadeiro

<sup>8</sup> Em Portugal, o apeadeiro é um tipo de paragem/parada secundária do comboio/trem, a a meio do caminho.



significa que deixamos muito pa trás e é difícil. (Grifos nossos) O que dificulta sensivelmente e nivela (cria níveis e escalas) a integração dos imigrantes, operando, nos micro-espços relacionais, movendo-se no *continuum no sentido da* discriminação e segregação. Isso termina por gerar o sentimento a que denominamos *outsiderismo* – os forasteiros de dentro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta e indiretamente contribuíram com auxílios diversos: material, físico, emocional e no/para o desenvolvimento da tese: *Umntu ngumuntu ngabantu*<sup>9</sup> - UBUNTU e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo por afastar-me e financiar-me na empreitada do doutorado, cujos frutos são trabalhos como este.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora, 1994.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Zahar, 2001.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and nationalism: Anthropological perspectives**. Pluto press, 2002.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas (R. Silveira, Trad.). **Salvador, BA: EDUFBA.(Trabalho original publicado em 1952)**, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FLICK, Uwe. The episodic interview: Small scale narratives as approach to relevant experiences. **London School of Economics Methodology Institute: Discussion papers-qualitative series**, 1997.
- GERGEN, Kenneth J.; GERGEN, Mary. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Editora do Instituto NOOS, 2010.
- GIDDENS, Anthony; GRIFFITHS, Simon. **Sociology**. Polity, 2006.
- GOODMAN, Leo A. Snowball sampling. **The annals of mathematical statistics**, p. 148-170, 1961.
- LIMA, Juliana Vinuto. **Entre o “Recuperável” e o “Estruturado”:** classificações dos funcionários de medida socioeducativa de internação acerca do adolescente em conflito com a lei. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- MUELLER, Robin Alison. Episodic narrative interview: Capturing stories of experience with a methods fusion. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 18, p. 1-11, 2019.
- PIRES, Rui Pena. Uma teoria dos processos de integração. **Sociologia - Problemas e Práticas**, n. 30, p. 9-54, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **CES**, n. 35, p. 1-63, 1999.
- SCHIERUP, Carl-Ulrik; HANSEN, Peo; CASTLES, Stephen. **Migration, citizenship, and the European welfare state: A European dilemma**. OUP Oxford, 2006.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.
- TERRY, Gareth et al. Thematic analysis. **Handbook of qualitative research in psychology**, v. 2, p. 17-37, 2017.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000. BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

---

<sup>9</sup> EU SOU porque NÓS SOMOS.